

O gramático Jerónimo Contador de Argote e as duas edições das *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (1721, 1725)

Rolf Kemmler

Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real
kemmler@utad.pt, rolf.kemmler@diacronia.de

Abstract:

The present paper is dedicated to the eighteenth-century grammar *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*, published in 1721 and 1725 by the Portuguese Theatine priest Jerónimo Contador de Argote (1676-1749). Since the existence of more than one contemporary editions of any given grammar was something unprecedented in pre-eighteenth century Portuguese grammaticography, this study of the relationship between the grammar's two editions constitutes a novel approach. The second edition having been quite substantially increased in relation to the anonymous 1721 edition, the paper aims to study some of the most relevant aspects of the paratexts and some key excerpts of the grammatical description that enable conclusions about the evolution of the main linguistic ideas expressed by Argote in the two editions of his grammar.

Keywords: Historiography of linguistics, Jerónimo Contador de Argote, Portuguese grammar, 18th century

1 Introdução

Não obstante o interesse que a investigação moderna tem demonstrado em relação às gramáticas setecentistas como obras de charneira entre a tradição clássica latino-portuguesa e as tendências inovadoras da *Grammaire générale* francesa (cf. Schäfer-Prieß 2000, no prelo; Kemmler 2007; Moura 2002, 2012), é de observar que a gramática da língua portuguesa da autoria do religioso teatino Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) ainda não chegou a receber a devida atenção que julgamos caber-lhe por várias razões. Do ponto de vista extrínseco, as *Regras* de Argote constituem a primeira gramática da língua portuguesa

- a) que foi publicada no século XVIII, depois de um longo hiato de produção metagramatical em língua portuguesa;
- b) que teve mais do que uma edição em vida do autor;
- c) que foi estruturada segundo o método dialogístico (o 'Discipulo' pergunta – o 'Mestre' responde);
- d) cuja primeira edição foi publicada sob a proteção de um pseudónimo.

Do ponto de vista intrínseco, um dos aspetos mais relevantes é o facto de a obra de Argote ser a primeira gramática da língua portuguesa a considerar algumas das ideias linguísticas dos gramáticos franceses de Port-Royal, nomeadamente da *Nouvelle methode pour apprendre facilement la langue latine* de Lancelot (1644). Para além disso, entre outros aspetos é digno de nota que Argote foi o primeiro gramático português a incluir na sua obra não somente um capítulo dedicado à ortografia, mas também uma tentativa de caracterização do sistema variacional do português.

Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2014, pp. 289-300, ISBN 978-989-97440-3-5

Consta que os estudos que se debruçaram sobre as ideias linguísticas de Argote fizeram as suas análises com base na segunda edição (Argote 1725). Existe, porém, uma primeira edição das *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (Argote 1721), cujo relacionamento com a edição posterior nunca chegou a ser estudado porque os seus exemplares são hoje muito raros. Por constar que a segunda edição foi consideravelmente aumentada em relação à edição pseudónima de 1721 (cf. Kemmler 2012: 84-87), convém estudar alguns dos aspetos mais relevantes dos paratextos e de alguns trechos da descrição gramatical que nos possam permitir conclusões sobre a evolução das principais ideias linguísticas manifestadas por Jerónimo Contador de Argote nas duas edições da gramática.

2 Os anúncios publicitários das *Regras da lingua portugueza*

Na secção dos anúncios publicitários de livros recentemente publicados, no fim do número 45 da *Gazeta de Lisboa Occidental* de 6 de novembro de 1721, encontramos um anúncio publicitário em que é anunciada a saída do prelo da primeira edição das *Regras da lingua portugueza*:

Hum em oytavo Regras da lingua Portugueza, espelho da lingua Latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portugueza, composto pelo Padre Caetano Maldonado da Gama; vendemse na rua nova (GLO 1721: 360).¹

Neste texto anuncia-se que a obra semianónima do teatino foi publicada junto com a obra *Dictames para a vida Religiosa, & perfeyta* de S. Bernard de Clairvaux, na tradução do religioso João Barbarica. Tendo ambas as obras sido impressas na oficina tipográfica de Matias Pereira da Silva e João Antunes Pedroso, ficaram à venda na loja do referido Matias Pereira da Silva na Rua Nova em Lisboa.

Cerca de três anos e meio mais tarde, foi publicado o anúncio relativo à segunda edição da gramática, nomeadamente no fim do número 20 da *Gazeta de Lisboa Occidental* de 17 de maio de 1725:

Sahio a luz hum livrinho em oitavo, impresso segunda vez, muy accrescentado, e correcto, intitulado, Regras da lingua Portugueza, espelho da lingua Latina, composto pelo Padre Dom Jeronymo Contador de Argote, Clerigo Regular, e Academico da Academia Real. É obra de muita utilidade para os meninos, que houverem de aprender a lingua Latina, ou outra qualquer; de tal sorte, que com a doutrina deste livrinho, ficaõ capazes para em brevissimo tempo aprenderem qualquer lingua estranha, e principalmente a Latina; e serve tambem para os Estrangeiros aprenderem a lingua Portugueza. Vende-se na portaria dos Padres Caetanos (GLO 1725: 160).

A leitura deste pequeno texto evidencia a sua natureza publicitária, pois não somente se menciona explicitamente o autor e a sua relevância social, mas também se fala sobre a obra e a sua utilidade. Assim, são identificados como público-alvo os meninos que devem aprender o latim, ou mesmo qualquer outra língua.

Ao passo que esta orientação para com os jovens portugueses (ou seja, para o ensino-aprendizagem do português língua materna, PLM) seja espectável, o trecho acrescenta ainda outro público-alvo, pois afirma que «[...] serve tambem para os Estrangeiros aprenderem a lingua Portugueza». Não podemos saber hoje se a noção da aprendizagem de português língua estrangeira (PLE) poderá mesmo ter sido uma das intenções principais do próprio gramático, ou se deveremos antes julgar que a referência no texto publicitário se deve aos cuidados do livreiro. Seja como for, um uso das *Regras* como manual de PLE choca com a crítica que o gramático tece logo na introdução à sua obra contra a aprendizagem do latim em latim (que é objeto de ensino linguístico), em detrimento de um ensino no vernáculo (cf. Argote 1725: [XVI]).

¹ No presente artigo mantêm-se os aspetos gráficos e tipográficos dos trechos citados.

3 O pseudónimo 'Caetano Maldonado da Gama' e Jerónimo Contador de Argote

No âmbito de um estudo recente, tivemos a oportunidade de dedicar-nos de forma pormenorizada a um estudo que visava estabelecer a origem e a natureza do pseudónimo Caetano Maldonado da Gama. Por um lado, a sua pertença à ordem dos Clérigos Regulares (Ordo Clericorum Regularium – CR) forneceu o nome próprio do pseudónimo. Para além disso, foi graças aos resultados de uma investigação histórico-genealógica baseada em documentos arquivísticos inéditos e outras fontes historiográficas que se estabeleceu a árvore genealógica (Kemmler 2012: 81) do gramático, que era descendente de fidalgos de origem espanhola, filho do jurista e Desembargador da Casa da Suplicação, D. Luís Contador de Argote e da sua mulher D. Maria Josefa Lobo da Gama Maldonado.

Assim, o pseudónimo do gramático é composto dos seguintes três elementos onomásticos (cf. Kemmler 2012: 93):

- 1) Caetano – identifica o autor como 'Clérigo Regular' ou 'Teatino', vulgarmente conhecido na época como 'Caetanos' em alusão ao fundador da ordem, São Caetano de Tiene (1480-1547; em italiano San Gaetano di Thiene);
- 2) Maldonado – é o apelido principal do lado do avô paterno, D. João Maldonado e Azevedo;
- 3) da Gama – é o primeiro apelido do lado da avó materna, D. Brites da Gama Lobo.

3 A evolução das *Regras da lingua portugueza*

Consta que o gramático aproveitou na íntegra o texto da primeira edição quando a fez reimprimir em 1725. Deixando de lado algumas divergências ocasionais na composição das duas edições que anotámos em Kemmler (2012: 84-87), observa-se, desde logo, como uma das distinções mais notáveis, a referência de tratar-se da «*Segunda impressãõ*» (Argote 1725: [I]). A seguir, iremos anotar as principais diferenças entre a primeira edição semianónima e a segunda edição que leva o nome do autor.

3.1 A carta dedicatória ao príncipe D. José

Tal como a referência à segunda edição, também merece destaque a dedicatória no rosto que reza «DEDICADA AO PRINCIPE DE PORTUGAL Nosso Senhor» (Argote 1725: [I]). Esta é tão própria da segunda edição como o correspondente paratexto da carta dedicatória que se segue ao rosto na página ímpar a seguir:

SENHOR.

COntem esta Grammatica a analogia, que se encontra entre a lingua Portugueza, e a Latina, e hum methodo facil, e claro para pelas regras da primeyra conhecer, e praticar os preceyτος da segunda. Ambos estes idiomas tiveraõ a fortuna de V. Alteza os honrar, o Portuguez desde o berço com o uso, o Latim agora na puericia cõ a applicaçãõ. Offereço pois a V. Alteza esta Arte, para que com a sua protecçãõ sirva aos seus vassallos de se adiantarem no conhecimento, e percepçãõ destes dous venturozos idiomas. Deos guarde a Real pessoa de V. Alteza para exaltaçãõ das letras, e felicidade desta Monarquia.

D. Jeronymo Contador de Argote.

C. R. (Argote 1725: [III-IV])

Sendo evidente que as dedicatórias de livros na época serviam sobretudo para garantir um bom acolhimento da obra junto do público, é de especial importância o texto dirigido pelo gramático teatino ao jovem príncipe de Portugal. Afinal, a impressão da dedicatória implicava que esta tinha sido previamente aceite, ou seja, no presente caso, que a casa real portuguesa estava a apoiar o projeto editorial do autor teatino.

O príncipe em questão não era outra pessoa senão o futuro rei D. José (1717-1777, reinou desde 1750), cujo ministro Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), então Conde de Oeiras e futuro

Marquês de Pombal, viria, desde 1759, a ser instrumental para o estabelecimento de um novo sistema de ensino em Portugal, baseado na aprendizagem da língua latina no âmbito de um ensino na língua vernácula. Não sabemos se o príncipe, que na altura da publicação da gramática tinha apenas onze anos, alguma vez chegou a estudar com a obra do teatino.

Independentemente desta questão, não deixa de ser notável o que o biógrafo teatino D. Tomás Caetano de Bem (1718-1799) afirma sobre a segunda edição da gramática:

O Padre Argote sempre attento ao bem commum, publicou neste anno huma nova Grammatica da lingua Portugueza, na realidade huma bem facil introduccão á lingua Latina. Considerou que a intelligencia desta, e de outra qualquer lingua viva, ou morta, consiste no conhecimento do significado das vozes, e da sua construcção, ou collocação. Que sendo as partes da oração, ou locução em qualquer lingua as mesmas, quanto ao substancial, isto he, nome, e verbo, &c. a differença na terminação dos casos, e tempos, e incrementos, era sómente accidental: e a construcção das vozes vinha a ser a mesma em qualquer idioma; e que aprender esta era mais facil na lingua materna, e depois applicar as Regras á lingua Latina. A experiencia repetidas vezes tem mostrado a utilidade deste methodo na facilidade, com que se fazem senhores da Grammatica Latina, os que primeiro estudão as Regras Grammaticaes da lingua Portugueza (Bem 1794, II: 213)

Mais do que na dedicatória ao futuro rei, o biógrafo teatino realça a noção universalista da gramática do seu correligionário, pois está de acordo com ele na noção de que a aprendizagem dos conteúdos metalinguísticos deveria primeiramente ser feita na língua materna, para depois aproveitar destes conhecimentos sobre o funcionamento e a estrutura das línguas na aprendizagem do latim.

3.2 Novos capítulos na parte da sintaxe

No fim da «TERCEYRA PARTE», ou seja, a seguir ao «CAPITULO V. Da figura Idiotismo» (Argote 1725: 258-275), o autor acrescenta dois capítulos que não fazem parte da primeira edição, sendo o primeiro deles o «CAPITULO VI. *Das figuras da Dicção*» (Argote 1725: 275-287). Vejamos a definição com que começa o capítulo:

MESTre. Que cousa he Dicção?

D. He a palavra, ou o dito.

M. E que cousa he figura da Dicção?

D. He o modo particular de dizer, ou escrever algũas palavras contra as regras commuas.

M. Quantas figuras ha de Dicção?

D. Diversas, mas todas se podem reduzir a tres.

M. Quaes são?

D. Adicção, Subtracção, Commutação (Argote 1725: 275).

Após uma definição do termo 'dicção', o gramático procede a definir as 'figuras da dicção' como aquelas estratégias comunicativas que escapam às regras normais da gramática, ou seja, os metaplasmos. Nesta breve abordagem das figuras retóricas, Argote inclui na 'adicção' a 'Epenthese, ou Interjeicção' (Argote 1725: 276) e a 'Paragoge, ou Adjunção' (Argote 1725: 276), na 'subtracção' a 'Apherese', 'Syncope, ou Concisação' e 'Apocope, ou Separação' (Argote 1725: 279-280), etc.

Dentro da tradição gramaticográfica da língua portuguesa, a introdução do «CAPITULO VII. *Das palavras Enclíticas*» em Argote (1725: 287-290) parece constituir um dado novo. O capítulo começa com a seguinte definição do conceito:

MESTre. Que cousa he palavra, ou dicção Enclitica?

D. Dicção Enclitica he aquella particula, ou palavra, que perde o seu tom, e o poem na ultima syllaba da palavra antecedente, se he capaz delle.

M. E que cousa he tom?

D. He hum certo geyto ou diversidade de som, com que pronunciamos a mesma palavra, ou particula.

M. Dizey exemplo.

D. *Dizme* nesta palavra a particula *Me* se pronuncia com algum geyto, ou diversidade, do que quando pomos a particula *Me*, antes do Verbo *Diz*, e pronunciamos *Me diz* (Argote 1725: 287).

Uma vez que não consta que a gramaticografia portuguesa ou latino-portuguesa anteriormente a Argote se tenha servido do conceito da 'partícula enclítica' para a realidade portuguesa, justifica-se um

olhar para a *Nouvelle methode* de Claude Lancelot. E realmente, a obra do gramático de Port-Royal (baseando-se, entre outros, em Despautério) não somente se refere aos clíticos como partículas,² mas faz questão de pronunciar-se sobre a mudança na acentuação que o acréscimo de uma partícula enclítica traz consigo no latim:

L'accent se doit aussi marquer par tout aux mots composez d'une Enclitique, c'est à dire, de l'une de ces particules finales *que ne, ve;* & se doit toûjours mettre sur la pénultième de ces mots, qu'elle qu'elle soit, ainsi que l'enseigne Despautere après Servius & Capelle; comme *armáque, terráque, pluítme, altérve,* &c. parce que c'est le propre de ces Enclitiques d'attirer toûjours l'accent vers elles (Lancelot 1709: 736).

Sendo evidente que ainda estamos longe de uma descrição exaustiva das características fonéticas e sintáticas relacionadas com o uso dos pronomes clíticos no português, Argote constata que a junção entre a forma verbal e o pronome leva a uma mudança fonética:

M. E quaes são as regras dos Enclíticos?

D. São estas. Todas as vezes que estas particulas, ou pronomes *Me, Te, Se, Lhe, Nos, Vos, Lhes,* se poem logo depois do Verbo, se fazem Enclíticas. Isto he mudaõ o seu tom.

M. Dizey exemplos.

D. *Mandeme, Mandaisme, Dizte, Perde-se, Delhe, Fizeramos, Digovos, Dizemlhes,* onde as particulas *Me, Te,* &c. perdem o tom proprio, e se fazem Enclíticas, porque estão postas logo depois dos Verbos *Mande, Diz,* &c. (Argote 1725: 288-289).

Parecendo limitar-se ao uso do termo que encontramos na gramática latino-francesa, Argote não se pronuncia sobre a natureza do câmbio fonético criado pela junção entre verbo e pronome clítico. Apesar de referir um exemplo *Pedro me he suspeyto* para os casos em que não se dá a ênclise, Argote (1725: 289) não chega a fazer referência explícita à próclise e à mesóclise, nem às circunstâncias onde estas se dão.

3.3 O pensamento diassistemático de Argote na quarta parte

Segue-se a «QUARTA PARTE DA GRAMMATICIA PORTUGUEZA» com três capítulos. No «CAPITULO I. *Dos Dialectos da lingua Portugueza*» (Argote 1725: 291-301), o autor oferece algumas noções sobre o que pensa sobre a variação diassistemática na língua portuguesa:³

MESTRE. Que quer dizer Dialecto?

D. Quer dizer modo de fallar.

M. Que cousa he Dialecto?

D. He o modo diverso de fallar a mesma lingua.

M. Dizey exemplo.

D. O modo com que se falla a lingua Portugueza nas terras v. g. da Beyra, he diverso do com que se falla a mesma lingua Portugueza em Lisboa porque em huma parte se usa de humas palavras, e pronuncia, e em outra parte se usa de outras palavras, e outra pronuncia, naõ em todas as palavras, mas em algumas. Esta diversidade pois de fallar, que observa a gente da mesma lingua, he que se chama Dialecto.

M. E quantas castas ha de Dialectos?

D. Muytas, mas as principaes são tres.

M. Quaes são?

D. Dialectos locaes, e Dialectos de tempo, e Dialectos de profissãõ (Argote 1725: 291-292).

É no âmbito desta definição inicial que Argote estabelece o dialeto como variação diassistemática dentro da mesma língua (no sentido de Coseriu 1992: 37-38 *et passim*). Ao constatar que, por exemplo, a

² Cf. a primeira referência ao termo 'Enclitiques' em Lancelot (1709: 709): «Il faut excepter de cette Règle des Monosyllabes les Enclitiques *ne, ve,* & ces autres Particules *ce, te,* ou *pte,* comme tuquẽ, hiccẽ, tuaptẽ, &c. parce qu'elles se joignent tellement aux autres mots, qu'elles ne font plus qu'un même mot, & ne sont plus considérées comme des Monosyllabes separez».

³ Considerando que alguns aspetos das ideias diassistemáticas de Argote já foram estudados em Moura (2002), Guimarães (2010 e 2013), Maia (2010: 47) e Leite (2011), limitar-nos-emos a uma breve exposição das ideias mais básicas neste capítulo.

fala da Beira é diferente de Lisboa, refere três dialetos principais, que julgamos serem de natureza diatópica ('Dialectos locaes'),⁴ diacrónica ('Dialectos de tempo')⁵ e diafásica ('Dialectos de profissão').⁶

3.4 Análise linguística da carta de António Vieira

No capítulo intitulado «PRATICA DA REGENCIA DA GRAMMatica Portugueza conforme com a regencia da Latina», Argote (1725: 310-339) oferece uma carta inédita que o pregador jesuíta António Vieira (1608-1697) tinha escrito ao Arcebispo de Braga, D. Veríssimo de Lencastre (1615-1692) em 14 de julho de 1690, seguida por uma análise sobretudo morfológica das formas encontradas:

Para intelligencia clara do modo, com que se deve ensinar esta Grammatica, e para que os meninos se facilitem pela regencia della à regencia, e regras da lingua Latina, me pareceo propor aqui o exercicio pratico das regras, que temos dado, e delle usaráõ os Mestres na fóma, que dizemos na Introduçãõ, que vay no principio desta Grammatica.

Para idèa pois, e exemplar deste exercicio, e regencia pratica, escolhi huma Carta escrita pelo insigne Padre Antonio Vieyra, da Companhia de Jesus ao Eminentissimo Cardial de Lancastre, a qual naõ anda impressa atèqui, e ma participou hum amigo, e he a seguinte (Argote 1725: 310-311).

Mais adiante, o gramático utiliza o seguinte intercâmbio autoexplicativo para esclarecer como pretende que deve ser realizada a análise dos textos escolhidos para este fim:

M. Que cousa he regencia da Grammatica.

D. He declarar que cousa saõ as palavras, que se achaõ em alguma Oraçãõ, e a fóma, porque estaõ postas, e a razaõ.

M. Explicay isso mais claramente.

D. Reger a Grammatica he dizer de cada palavra que parte da Oraçãõ he, e se he nome, dizer que casta de nome he, de que declinaçãõ, de que numero, de que genero, em que caso está, e de quẽ. Se he Verbo, que casta de Verbo he, em que modo, em que tempo, em que numero, em q̃ pessoa està, que caso pede, &c. (Argote 1725: 313).

Tal como o próprio método dialogístico, a abordagem de uma análise linguística de um texto em prosa pode ser encarada como um dado novo na gramaticografia da época.

3.5 Argote e a ortografia

No fim da obra segue um «TRATADO BREVE DA ORTHOGRAFIA DA LINGUA PORTUGUEZA» (Argote 1725: 341-356), dividido em três capítulos intitulados «CAPITULO I. *Que cousa seja Orthografia, e das propriedades das letras*» (Argote 1725: 341-347), «CAPITULO II. *Dos modos, com que se erra a Orthografia, e como se haõ de evitar os erros*» (Argote 1725: 347-351) e «CAPITULO III. *Da Pontuaçãõ da Orthografia Portugueza*» Argote (1725: 351-356). Com efeito, a inclusão deste breve tratado metaortográfico constitui uma inovação da segunda edição da obra. Considerando que já foi parcialmente estudado por Moura (2002: 132-135) julgamos oportuno fazer um estudo exaustivo das ideias metaortográficas de Jerónimo Contador de Argote noutro âmbito.

3.6 A evolução do texto introdutório

⁴ Cf. Argote (1725: 292): «M. Que cousa he Dialecto local? D. Dialecto local he a differença, com que se falla a mesma lingua em diversas terras da mesma naçãõ».

⁵ Cf. Argote (1725: 296): «M. E que cousa he Dialecto de tempo? D. He a differença do fallar da mesma lingua em diversos tempos».

⁶ Cf. Argote (1725: 296): «M. E que cousa he Dialecto de profissão. D. He a differença de fallar a mesma lingua, de q̃ usaõ os que exercitaõ diversa profissão de fallar. M. Dizey exemplo. D. Quem falla, ou escreve hum successo em verso, conta-o com muyta differença do que quẽ o conta em prosa, e a esta differença chamo Dialecto de profissão sem entrar na disputa se esta divisaõ he propria, ou impropria».

Para além do acréscimo dos conteúdos atrás referidos, um dos aspetos mais esclarecedores é a evolução do texto introdutório da gramática entre as duas edições. Neste sentido, a primeira coisa que se nota nos dois textos introdutórios é a divergência dos títulos. Onde Argote (1721: 1-7) fala de uma «INSTRUCC,AM A GRAMMATICA» passa, quatro anos mais tarde, a falar da «INTRODUÇAM A' PRESENTE GRAMMATICA» (Argote 1725: [XVI-XXIV]).

Entre as alterações que parecem de menor importância conta-se um número elevado de sinais de pontuação que varia entre as duas edições, podendo ser vírgulas inseridas em 1725 ou pontos e vírgulas ';' substituídos por dois pontos ':'. Para além disso, um dos aspetos mais visíveis é que a primeira edição usa exclusivamente o sinal tironiano '&' para a conjunção 'e', que em 1725 costuma ser escrita 'por extenso' como 'e'.

Onde a primeira edição quase sempre utiliza as formas 'que', 'porque' escritas por extenso, Argote (1725) apresenta muitas vezes a forma abreviada com o til por cima da consoante 'porç', abreviatura esta que maioritariamente parece servir para fins de composição tipográfica, de maneira semelhante como o til ocorre nas formas 'accõmodar' (Argote 1725: [XVIII]), 'sufficiẽtamente' (Argote 1725: [XIX]); 'hũ' (Argote 1725: [XIX]) 'aprẽdem' (Argote 1725: [XXIII]), 'Grãmatica' (Argote 1725: [XXIII]), um recurso que parece ser mais raro na segunda edição em 'hũ' (Argote 1721: 3) e cõ (Argote 1721: 6).

Observam-se vários casos de variação gráfica, nomeadamente⁷

a) variação gráfica de [i] por <y> ~ <i>:

Syntaxe (Argote 1725: [XXI]) ~ Sintaxe (Argote 1721: 5);

b) variação <e> ~ <i> em sílaba átona:

desconveniencia (Argote 1725: [XXII]) ~ disconveniencia (Argote 1721: 6);

dessemelhantes (Argote 1725: [XXII]) ~ dissemelehantes (Argote 1721: 6);

dessemelhança (Argote 1725: [XXII]) ~ dissemelehança (Argote 1721: 6);

c) grafia divergente de sibilantes e chiantes <-s-> ~ <-z->:

difficultozo (Argote 1725: [XX]) ~ difficultoso (Argote 1721: 4);

simples (Argote 1725: [XXI]) ~ simplez (Argote 1721: 5);

d) uso divergente de formas simplificadas ~ consoantes etimológicas ou pseudo-etimológicas:

danos (Argote 1725: [XVI]) ~ damnos (Argote 1721: 1);

escolas (Argote 1725: [XXIII]) ~ escollas (Argote 1721: 6);

Naçõens (Argote 1725: [XVI]) ~ Nasçõens (Argote 1721: 1);

pratica (Argote 1725: [XX]) ~ practica (Argote 1721: 4);

praticaveis (Argote 1725: [XXIII]) ~ practicaveis (Argote 1721: 6);

e) uso divergente de letras maiúsculas e minúsculas:

Arte (Argote 1725: [XIX]) ~ arte (Argote 1721: 4);

Estudos (Argote 1725: [XXIII]) ~ estudos (Argote 1721: 6);

Oração (Argote 1725: [XXII]) ~ oraçaõ (Argote 1721: 6);

Verbos (Argote 1725: [XXI]) ~ verbos (Argote 1721: 5);

f) acentuação gráfica:

convem (Argote 1725: [XVII]) ~ convèm (Argote 1721: 2);

⁷ Todas as marcações por negritos são nossas e servem para fins distintivos.

der (Argote 1725: [XXII]) ~ dèr (Argote 1721: 6)
 já (Argote 1725: [XX]) ~ jà (Argote 1721: 4);
 perceberão (Argote 1725: [XX]) ~ perceberãõ (Argote 1721: 4);
 so (Argote 1725: [XVIII]) ~ só (Argote 1721: 2);
 terãõ (Argote 1725: [XIX]) ~ terãõ (Argote 1721: 4);

Também se observam casos em que o gramático optou por utilizar palavras diferentes entre as duas edições:

farà ver (Argote 1725: [XXII]) ~ mostrarà (Argote 1721: 6);
Grammatica Latina (Argote 1725: [XXII]) ~ **lingua Latina** (Argote 1721: 5);
Grammatica Latina (Argote 1725: [XXII]) ~ **Syntaxe Latina** (Argote 1721: 5);
 muy (Argote 1725: [XIX]) ~ muyto (Argote 1721: 3);
 ou (Argote 1725: [XXI]) ~ atè (Argote 1721: 5);
 pòde (Argote 1725: [XXII]) ~ poderà (Argote 1721: 6);
 ser na Latina (Argote 1725: [XX]) ~ succeder na latina (Argote 1721: 4);

São raros os casos em que o texto primitivo de 1721 se encontra aumentado por poucas palavras:

facilidade, e modo, com que (Argote 1725: [XXII]) ~ **facilidade com que** (Argote 1721: 6);
 que a lingua Grega **ao menos em toda a sua extensãõ**, differe muyto (Argote 1725: [XXII]) ~ **que a lingua Grega differe muyto** (Argote 1721: 6);
 sofrivelmente, e entãõ (Argote 1725: [XX-XXI]) ~ **sofrivelmente, entãõ** (Argote 1721: 4);
tempo, em q̃ (Argote 1725: [XXIII]) ~ **tempo** que (Argote 1721: 6);

Para além disso, observa-se que os seguintes trechos se encontram omissos em Argote (1725):

A esta razão confirmaõ as experiencias; pois he certo, que a lingua Grega differe muyto mais da Latina do que desta differe a Portugueza; com tudo vemos, que os que aprendido o Latim, entraõ a aprender Grego, com mediano estudo, dentro de anno, & meyo, ou dous annos sabem sufficientemente a lingua Grega; **porque he grande o parentesco, & muytas as regras em que esta convem com a Latina** (Argote 1721: 3).

Nem me digaõ que os meninos terãõ igual difficuldade em aprender os preceytos da Grammatica Portugueza, & em os perceber, do que tem em perceber, & aprender os da Latina; & **que assim tudo vira a parar na mesma demora, & dilação**; porque vay grande differença em perceber os preceytos daquillo de que jà sey a practica, & daquillo de que ainda a não sey (Argote 1721: 4).

«[...] porque assim passariaõ aos estudos publicos do Latim senhores jà não só das regras em que convem todas as linguas universalmente, que não saõ poucas, **como mostrou hum curioso tratado particular, que anda impresso**; mas tambem da mayor parte das regras da Grammatica Latina, como nesta Grammatica se pôde ver» (Argote 1721: 6).

Finalmente, observa-se que o último parágrafo de Argote (1721) diverge do penúltimo parágrafo de Argote (1725), tendo sido acrescentado o último parágrafo, relativo às partes novamente introduzidas a partir da segunda edição da gramática.

Argote (1721: 7)	Argote (1725: [XXIII-XXIV])
<p>Ultimamente advirto, que alguns poderãõ estranhar a explicação, & solução que dou a alguns pontos da Grammatica Portugueza; porẽm os versados na lição do Padre Velles, Sanches, Brocense, Joaõ Gerardo Vossio, os Padres da Cõgregação de Port Royal, & na lição da Grammatica discursada, & na Arte de fallar do Padre Lami. Veraõ que na explicação da Grammatica Portugueza observo a mesma doutrina, que estes observãrãõ a respeyto da Latina.</p>	<p>Tambem advirto, que alguns poderãõ estranhar a explicação, que dou a alguns pontos da Grammatica Portugueza, porẽm os que forem versados na lição do novo methodo dos Padres da Congregação de Portroial, e da Grammatica discursada do Padre Lami, veraõ que na explicação da Grammatica Portugueza observo a mesma doutrina, que estes observãrãõ a respeyto da Latina.</p> <p>Ultimamente advirto que os Capitulos, que nesta segunda impressãõ vãõ accrescentados, que sãõ muyta parte do quinto, e todo o sexto da terceyra parte, mostrou a experiencia que erãõ precisos para a intelligencia dos Idiotismos da lingua Portugueza, e a quarta parte para o ensino mais polido, e para a gente nobre, como tambem o tratadinho da Orthografia, que vay no fim.</p>

Na primeira edição da gramática, Argote menciona as suas fontes de maneira bastante extensa. Sem qualquer referência ao verdadeiro autor dos famosos *De institutione grammatica Libri tres* (1573), o jesuíta madeirense Manuel Álvares (1526-1583), Argote refere somente o 'Padre Velles', ou seja o jesuíta António Velês (1547-1609) que reformou a gramática latina da Companhia de Jesus a partir da última edição da 'arte grande' ou 'ars maior' (Álvares / Velês 1599).⁸

No concernente aos dois nomes seguintes, a vírgula não parece fazer sentido. Julgamos tratar-se de outro gramático latino famoso, nomeadamente 'Sanches Brocense' como costumava ser conhecido o estremenho Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600), professor na Universidade de Salamanca. Tal como Schäfer-Prieß (2000: 20) julgamos que esta referência não diz respeito a outro gramático senão o mencionado gramático quinhentista, cuja obra ainda em inícios do século XVIII era bastante divulgada em toda a Europa.

Quanto à terceira pessoa mencionada, 'Joaõ Gerardo Vossio', tudo leva a crer que, apesar da troca na ordem dos nomes próprios, se trate do filólogo neerlandês Gerardus Johannes Vossius (1577-1649). Entre muitas obras de natureza filológica, Vossius publicou *De Arte Grammatica Libri Septem* (1635), reeditada postumamente na volumosa obra *Aristarchus, sive de arte grammatica libri septem* (Vossius 1662). Ao mesmo autor devemos também uma *Latina grammatica* (1626; cf. Vossius 1652),⁹ destinada a ser utilizada nas escolas neerlandesas, teve um número considerável de edições até ao século XIX.

Na referência aos 'Padres da Cõgregação de Port Royal', em 1721 Argote não torna evidente qual das obras metalinguísticas dos eremitas reunidos perto do mosteiro feminino cisterciense de Port-Royal des Champs em França lhe poderá ter servido como fonte. Deixando de lado outras obras importantes dos jansenistas de Port-Royal, as duas obras metalinguísticas mais emblemáticas são a *Grammaire générale et raisonnée* (1660, 1679) da autoria de Antoine Arnauld (1612-1694) e Claude Lancelot (1615?-1695), bem como a já referida *Nouvelle methode pour apprendre facilement la langue latine* (1644)¹⁰ de Claude Lancelot. Já em 1725, ao falar do 'novo methodo dos Padres da Congregação de Portroial', Argote leva a crer que esta fonte terá sido a gramática latina de Lancelot e não a (hoje mais bem conhecida) *Grammaire générale et raisonnée*.

⁸ Na sua listagem impressionante das edições e variações pertencentes à 'arte maior' em in-4.º e à 'arte menor' em in-8.º Iken (2002: 60-63) não faz referência a qualquer exemplar in-4.º com data posterior a 1599.

⁹ Esta gramática escolar está baseada, como informa o rosto da própria obra, na *Latina grammatica* (1588) quinhentista do neerlandês Ludolfus Lithocomus ou Ludolf Steenhouwer.

¹⁰ Colombat (1999: 52) afirma pertinentemente que «l'ouvrage, publié également en forme de *Abrégé* (a partir de 1654), a connu de très nombreuses éditions (onze au XVII^e siècle, treize au XVIII^e siècle, encore une en 1817)». Perante a existência de tantas edições e variações da gramática, impõe-se a questão de qual poderá ser a edição que terá servido como a base da gramática do teatino português. Convém saber que neste sentido já houve alguma investigação, por ora inédita, de Teresa Maria Teixeira de Moura.

Para identificar a 'Arte de fallar do Padre Lami', convém prestar atenção ao tratado de retórica *De l'art de parler*, publicado anonimamente em 1675 (cf. Lamy 1675). É somente desde a quarta edição que a autoria vem sendo atribuída ao oratoriano francês Bernard Lamy (1640-1715) debaixo de um título algo alterado: *La rhetorique ou l'art de parler*.¹¹ Cremos, por isso que Argote, em 1721, está a falar de uma das edições primitivas da obra *De l'art de parler* (de 1675, 1676 e 1679). Dado que Argote (1725: [XXIII-XXIV]) passa a falar 'da Grammatica discursada do Padre Lami', as suas informações deixam de fazer sentido, porque a obra de Lamy não reúne as características em questão,¹² pois fica evidente que a retórica de Lamy se encontra redigida em pleno texto expositivo, sem qualquer recurso ao método dialogístico. Julgamos, pois, que se trata de duas obras distintas de dois autores diferentes.

A última fonte mencionada na primeira edição é a 'Grammatica discursada'. Argote não chega a definir de que obra se trata, o que permite presumir que o gramático parte do princípio de que a obra referida deveria ser do conhecimento dos entendidos da época. Tanto o termo utilizado como o próprio método dialogístico¹³ escolhido para ambas as edições da gramática de Argote levam a crer que a obra em questão possa ter as suas raízes numa gramática desse género que tenha sido dedicada ao latim, tal como acontece no atinente às restantes fontes do gramático. Para já ainda nos é impossível identificar esta última fonte referida em Argote (1721), pelo que a tarefa de identificação bibliográfica deverá ser concluída noutra âmbito.

Para além das referências às fontes, que, como vimos, sofreram uma redução considerável na segunda edição da obra, o gramático adiciona ainda um parágrafo esclarecedor sobre os capítulos acrescentados à obra.

4 Conclusões

A gramática portuguesa intitulada *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*, publicada debaixo do pseudónimo Caetano Maldonado da Gama em 1721, chegou a ser reeditada com alguns acréscimos numa segunda edição em que o autor optou por identificar-se como o teatino Jerónimo Contador de Argote (1676-1749). Tanto a dedicatória ao futuro rei D. José (1717-1777) na segunda edição, como a existência dos respetivos anúncios publicitários do periódico *Gazeta de Lisboa Occidental*, evidenciam uma intenção do gramático de fornecer uma obra didática que visava atingir um público bastante mais amplo do que os alunos da «Casa de Nossa Senhora da Divina Providência» da Ordem dos Clérigos Regulares de São Caetano em Lisboa. Não sabemos, infelizmente, se o jovem príncipe efetivamente terá chegado a conhecer ou mesmo usar a gramática portuguesa do teatino que, efetivamente, foi a única gramática portuguesa de setecentos a ser publicada anteriormente à institucionalização, pelo mesmo rei, da gramática de António José dos Reis Lobato (1770) como a primeira gramática oficial da língua portuguesa no sistema de ensino em Portugal.

Sem dúvida, a introdução de uma quarta parte da gramática em que o autor chega a resumir, pela primeira vez, as suas ideias sobre o diassistema da língua portuguesa, constitui um dos elementos inovadores da gramática de Argote. Mas também o acréscimo de um breve tratado metaortográfico, que segue à análise linguística de uma carta de António Vieira, é um dado importante, já que o autor assim passa a retomar uma tradição iniciada pelos artífices quincentistas. Neste mesmo âmbito, não deixa de ser interessante a inserção, em 1725, dos capítulos VI e VII na terceira parte, que chegam a enriquecer o leque das figuras retóricas pelos metaplasmos.

O conteúdo do texto introdutório da segunda edição já foi devidamente estudado e comentado por Schäfer-Prieß (2000) e Moura (2002). No que respeita, porém, às divergências mais visíveis entre as duas edições, são de referir a abolição do sinal tironiano '&' para a conjunção 'e' em 1725 bem como o surgimento frequente do til quer por cima da consoante na conjunção 'que' 'q̃' (e noutras ocorrências,

¹¹ A dedicatória ao Duque de Chartres, assinada pelo próprio Bernard Lamy, data de 1687 (Lamy 1701: [IX]).

¹² Para uma opinião contrária que, aliás, não atende às propriedades textuais da obra, cf. Schäfer-Prieß (2000: 20).

¹³ Para o termo, utilizado pelo gramático oitocentista José da Virgem Maria, veja-se Kemmler (2011: 68). No seu estudo sobre a gramática de Argote, Schäfer-Prieß (2000: 19-20) refere que esta *Dialogform* se encontra utilizada em Donato, bem como em vários gramáticos modernos como Perrotto, Bembo, Valdés e Sciopio.

como em 'porç') quer noutros casos em que serve para fins de composição tipográfica ('accômodar', 'sufficiêtemente', etc.). Também as outras divergências são sobretudo de natureza gráfica, tais como a) as variações [i] por <y> ~ <i> e b) <e> ~ <i> em sílaba átona, c) a grafia divergente de sibilantes e chiantes <-s-> ~ <-z->, d) o uso divergente de formas simplificadas ~ consoantes etimológicas ou pseudo-etimológicas e) o uso divergente de letras maiúsculas e minúsculas, bem como f) a acentuação gráfica divergente. Para além disso, observam-se alguns casos de acréscimos e de omissões, de entre as quais é de destacar o fim do paratexto, no qual as referências às fontes sofreram uma redução considerável que permitem uma perceção da evolução do ideário metalinguístico do nosso gramático.

Para finalizar, temos consciência de que o presente artigo não pode ainda fornecer todas as respostas sobre o ideário linguístico de Jerónimo Contador de Argote. Cremos que poderá ser após o estabelecimento, em formato digital, não somente do texto primitivo de Argote (1721), mas também de uma comparação entre as duas gramáticas na sua inteireza, que futuramente possamos vir a adquirir uma cada vez melhor compreensão da origem das ideias linguísticas do autor, estabelecendo os pontos de encontro (e, claro, de afastamento) entre as obras que se encontram referidas nas duas edições.

Referências

- [Argote, Jerónimo Contador de] [pseudónimo 'Caetano Maldonado da Gama'] (¹1721): *REGRAS / DA LINGUA / PORTUGUEZA, / Espelho da lingua Latina, / OU / DISPOSIC,AM / Para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza, / COMPOSTO PELO PADRE / CAETANO MALDONADO / DA GAMA. // LISBOA OCCIDENTAL: / Na Officina de Mathias Pereyra da Sylva, / & João Antunes Pedrozo. / M. DCC. XXI. / Com as licenças necessarias.*
- Argote, Jerónimo Contador de (²1725) *REGRAS / DA LINGUA / PORTUGUEZA, / ESPELHO DA LINGUA / LATINA, / Ou disposição para facilitar o ensino da lingua Latina pelas / regras da Portugueza, / DEDICADA / AO PRINCIPE / DE PORTUGAL / Nosso Senhor, / PELO PADRE / DOM JERONYMO / Contador de Argote, Clerigo Regular, e Academico / da Academia Real da Historia Portugueza. / Muyto accrescentada, e correcta. / Segunda impressã. // LISBOA OCCIDENTAL, / NA OFFICINA DA MUSICA, / M. DCC. XXV. / Com todas as licenças necessarias.*
- Bem, Tomás Caetano de (1794, II) *MEMORIAS / HISTORICAS / CHRONOLOGICAS / DA / SAGRADA RELIGIÃO / DOS / CLERIGOS REGULARES / EM PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS / NA INDIA ORIENTAL, / ESCRITAS / POR / D. THOMAZ CAETANO DE BEM, / CLERIGO REGULAR, / MESTRE JUBILADO EM SAGRADA THEOLOGIA, QUALIFICADOR DO SANTO / OFFICIO, SOCIO DO NUMERO, E CENSOR DA REAL ACADEMIA, / E CHRONISTA DA REAL CASA DE BRAGANÇA. / TOMO II. // LISBOA / NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. / ANNO M. DCC. XCIV. / Com licença da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*
- Coseriu, Eugenio (1992) *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar*, elaborado y editado por Heinrich Weber, versión española de Francisco Meno Blanco, Madrid: Editorial Gredos (Biblioteca Románica Hispánica II, Estudios y ensayos; 377).
- GLO (1721) = *Gazeta de Lisboa Occidental* 45 (quinta-feira, 6 de novembro de 1721), pp. 353-360.
- GLO (1725) = *Gazeta de Lisboa Occidental* 20 (quinta-feira, 17 de maio de 1725), pp. 153-160.
- Guimarães, Rui Dias (2010) José Leite de Vasconcelos e o percurso da dialetologia portuguesa. In: Assunção, Carlos / Fernandes, Gonçalo / Loureiro, Marlene (eds.) *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XV a séc. XIX) Projeção da linguística ibérica na América Latina, África, Ásia e Oceânia*, Volume I, Münster: Nodus Publikationen, pp. 361-372.
- Guimarães, Rui Dias (2013) Argote e o pioneirismo em variação linguística e dialectologia em Portugal, séc. XVIII. In: *Revista de Letras* 11 (II.ª Série, 2012), pp. 119-131.
- Kemmler, Rolf (2007) *A Academia Orthográfica Portugueza na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea (Beihefte zu *Lusorama*; 1. Reihe, 12. Band).
- Kemmler, Rolf (2011) O ideário linguístico no *Novo Methodo de educar os meninos e meninas* (1815) do vila-realense Frei José da Virgem Maria. In: *Revista de Letras* 9 (II.ª Série, 2010), pp. 63-92.
- Kemmler, Rolf (2012) Caetano Maldonado da Gama, D. Jerónimo Contador de Argote e as duas edições das *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (1721, 1725). In: *Limite: Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia* 6 (*Florilégio historiográfico: dez estudos de Historiografia do Português*), pp. 75-101.
- [Lancelot, Claude] (¹⁰1709) *NOUVELLE METHODE / POUR APPRENDRE / FACILEMENT / LA LANGUE LATINE: / CONTENANT / LES REGLES DES GENRES, / Des Déclinacions, des Préterits, de la Syntaxe, / de la Quantité & des Accens Latins; / MISES EN FRANÇOIS, DANS UN ORDRE / très-clair & très-abrégé. / PRESENTE'EAU ROY. / Augmentée d'un grand nombre de remarques très solides, & / non moins necessaires pour la parfaite connoissance de la / langue latine, que pour l'intelligence des bons Auteurs: / Tirées de tous ceux qui ont travaillé sur cette Langue avec / plus de soin & de lumiere. / Avec un Traité de la Poésie Latine, & une brève Instruction sur / les Regles de la Poésie*

- Françoise. / DIXIEME EDITION. / Revûë, corrigée & augmentée de nouveau. // A PARIS, / Chez FLORENTIN DELAULNE, ruë S. Jacques, à l'Empereur. / M. DCC IX. / AVEC PRIVILEGE DE SA MAJESTÉ.
- Leite, Marli Quadros (2011) A construção da norma linguística na gramática do século XVIII. In. *Alfa: Revista de Lingüística* 55/2, pp. 665-684.
- Maia, Clarinda de Azevedo (2008) A consciência da dimensão imperial da Língua na produção linguístico-gramatical portuguesa. In. Brito, Ana Maria (org.) (2010), *Gramática: História, Teorias, Aplicações*, Porto: Fundação Universidade do Porto; Faculdade de Letras, pp. 29-50.
- Moura, Teresa Maria Teixeira de (2002) *A tradição gramatical portuguesa: Jerónimo Contador de Argote no contexto cultural iluminista*, dissertação de mestrado (inédita) em ensino da língua e literatura portuguesas, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Moura, Teresa Maria Teixeira de (2012) *As ideias linguísticas portuguesas do século XVIII*, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Estudos em Letras (Coleção Linguística; 8).
- Schäfer-Prieß, Barbara (2000) *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; Band 300).
- Schäfer-Prieß, Barbara (no prelo) *A Gramaticografia portuguesa de 1540 até 1822: condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*, Tradução de Jaime Ferreira da Silva, revista e atualizada pela autora.